

PERSONALIDADE, ATIVIDADE DOCENTE E PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE J. R. MACAMBIRA

José Rogério Fontenele Bessa*

No dia 17 de janeiro de 1992, alguns professores e muitos alunos do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará encontravam-se no Auditório José Albano para a realização de mais um dos denominados **Seminários Linguísticos**.¹ Eram mais ou menos cinco e quinze de uma tarde de sexta-feira, inteiramente sem superstições, porque não era “treze” e ali nos encontrávamos, quando chegou a notícia de que o Professor e lingüista J. R. Macambira, cearense de Palmácia, nascido também num dia 17, mas de novembro, acabara de deixar o convívio humano. Somente após os debates, o Coordenador do referido Projeto, visivelmente comovido, divulgou a notícia e improvisou um curto necrológio em que relevou as qualidades humanas e o valor da obra do já e agora saudoso mestre.

Nós e muitos colegas do Departamento fomos seus alunos de Lingüística e, em maior ou menor grau, ficamos a lhe dever parte de nosso saber. Com ele, aprendemos, seja através da disciplina ministrada na Graduação, seja através dos Seminários de Português que a Inspeção Seccional de Fortaleza costumava promover no mês de dezembro — nós, particularmente, participamos de três: o de 1968, o de 1969 e o de 1970 — os principais conceitos e as técnicas descritivas identificadas com o Estruturalismo lingüístico. Somos todos testemunhas da intensa atividade científica e docente do grande mestre. Vimos-lhe os primeiros trabalhos e tivemos o privilégio de sua primeira divulgação, em edições mimeografadas, secundadas sempre por exposições a que o autor sabia imprimir invulgar brilho. Com entusiasmo contagiante e, em clima rico de simpatia humana e social, expunha o conteúdo desses seus trabalhos.

O primeiro Seminário de Português, realizado em 1966, versou sobre a “Classificação das palavras”; o segundo em 1968, sobre a “Estrutura da oração interrogativa”; o terceiro em 1969, sobre a “Forma simples do verbo”; e o quarto, em 1970, sobre a “Estrutura das palavras, flexão e derivação, flexão nominal e verbal, composição”. Estes

seminários despertavam sempre muito interesse e eram bastante concorridos. Para eles, divulgados com a devida antecedência e programados para dezembro, época bastante propícia à sua realização, afluíam estudantes de Letras e professores de Português dos quatro cantos do Ceará. Ali, o saudoso mestre expunha os frutos de suas pesquisas e, com o mais vivo interesse, ouvia as observações que lhes eram feitas, podendo assim enriquecê-los e aperfeiçoá-los tendo em vista a publicação definitiva.

Aqueles seminários tinham, para nós todos, o sabor da “última novidade”. A Lingüística, graças ao Professor J. R. Macambira, dava, no Ceará, os primeiros passos, numa época em que não se cogitava em “pós-graduação em Letras” e em que praticamente ninguém contava ainda com bibliografia especializada na área. Era ele, pois, a força propulsora de uma desejada ampliação de conhecimentos lingüísticos, a pessoa com quem contávamos para a solução das dificuldades descritivas da língua.²

No início dos anos-60, o ensino da Língua Portuguesa, aqui no Ceará, passou por uma profunda transformação. Antes inteiramente dominado por questões gramaticais, isoladas e fora de contexto, voltou-se para a compreensão e o desenvolvimento da habilidade de domínio completo do “texto”, o que implicava não só a penetração na estrutura do referido objeto, mas também o desenvolvimento da faculdade de “síntese”, que pressupunha a apreensão do “assunto” e subsequente inferência do “tema”. A execução dessas atividades espelhava-se no célebre *Manual de explicação de textos*, de Fernando Lázaro Carreter e os mestre de então da Língua Portuguesa não só muito estimularam essas atividades junto aos acadêmicos da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como deram eles mesmos o exemplo a partir da análise e explicação de excertos de autores cearenses. Este exemplo acha-se consubstanciado na antologia *Terra da Luz*, organizada pela Secretaria de Educação e Cultura do Ceará (Edição SEC, 1966).³ Devem-se

* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFC. Doutor em Língua Portuguesa. Da Academia Cearense de Língua Portuguesa.

ainda aos mencionados professores as salutares práticas de “análise estilística do texto”, por conta das quais lhes ficou também o mérito da divulgação, no Ceará, de obras como a *Poesia espanhola*, ensaio de métodos e limites estilísticos, de Dâmaso Alonso e *Contribuição à estilística portuguesa*, de J. Mattoso Câmara Jr.⁴

Não obstante estes esforços, os anos-60 foram uma época ainda muito dominada pela “análise sintática”, ou seja, por uma visão que supervalorizava esta atividade lingüística, ao tê-la como um “fim” em si mesma. Questiu-nculas taxonômicas, entre as quais, por exemplo, pontificavam as relacionadas com os diferentes usos do *que* e do *se*, eram as preocupações preponderantes, porque, muitas vezes, sem solução à luz dos “manuais de análise sintática” então existentes. Foi nesse quadro que entrou em cena o Professor J. R. Macambira, disposto a promover à renovação do ensino gramatical e desvendar os mistérios e segredos estruturais da língua.

Amparado pelo conhecimento de obras clássicas do Estruturalismo norte-americano e seguindo, sobretudo, a trilha aberta por J. Mattoso Câmara Jr., o Professor J. R. Macambira prestou inegável contribuição para a renovação dos estudos gramaticais. As suas explicações e soluções, corajosas e inéditas, para muitos dos problemas descritivos da Língua Portuguesa, em especial as do domínio da “análise sintática”, atraíram muito mais do que as encontradas nos manuais tradicionais. Algumas dessas explicações e soluções nem sempre encontravam aceitação pacífica e tivemos, muitas vezes, o privilégio de presenciar vivas e tensas discussões entre o saudoso mestre e seus colegas de Departamento.

Foi uma época de muito ruído, provocado não só pelos adeptos de suas idéias, mas, principalmente, por contendores implacáveis, que, no entanto, jamais conseguiram abafar a voz daquele que mais alto falava pela força de argumentos indestrutíveis. No lançamento de *A estrutura morfo-sintática do português*; aplicação do Estruturalismo lingüístico, em 1970, o saudoso mestre Otávio Farias proferiu palavras que não só retratam, com absoluta fidelidade, traços da personalidade do lingüista cearense, entre as quais se salientava o seu “espírito polêmico”, mas também nos fazem reviver o clima da época. Elas assim se iniciam:

Conheço o espírito insofrido e polêmico do Prof. Macambira, e o lastro valioso de que se forra para sair à liça. Perscrutador, paciente e meticuloso, as cousas mais simples e antes esquecidas de outros perquiridores para ele escondem aspectos e mistérios que lhe aguçam o indômito desejo de destrinchá-los para trazê-los à tona e ao debate aberto.⁵

Propunha-se à renovação dos estudos gramaticais da língua e, de certo modo, atingiu esse intento, mas, em suas obras, apresenta-se como um estudioso que se vê entre o passado e o futuro da língua. Na renovação, ainda traços do “passado”, como resquícios de sua formação em antiga tradição. A prova desse vínculo ou dessa meia-fidelidade ao passado estão nas abonações e nas ilustrações encontradas em suas obras. Daí por que os exemplos, não raro de sua

própria lavra, têm sabor de máximas, haja vista, e. g., os ilustrativos da “oração reduzida relativa”, entre os quais se destacam os seguintes: 1) “*Nascido para Deus*, o homem aspira à imortalidade.”; 2) “*A infância, vista com a neve dos anos*, parece antes um conto da fada.”; e 3) “*O tempo desperdiçado em folguedos inúteis* amargará inevitável arrependimento.”, todos de sua autoria, ao lado de outros, extraídos, na maioria, de *Nova floresta*, de Manuel Bernardes.⁶

Não obstante certas influências, como adiante salientaremos, visibilíssimas na literatura lingüística por ele produzida, é inegável também a relativa independência de seu pensamento. Esta independência é fruto de uma “criatividade” quase absoluta — e nenhuma contribuição significativa, aliás, é possível, quando o lingüista não é criativo — que se realça com a consideração das próprias estruturas lingüísticas. Sob a inspiração do que estas sugerem, emerge, passo a passo, uma contribuição descritiva que não cansa e que, mesmo reunida ou concentrada, longe está da aridez das densas contribuições teóricas.

O lingüista cearense não tinha compromisso com a Teoria Lingüística. As suas preocupações sempre estiveram voltadas para a “pedagogia” da Língua Portuguesa e as obras que escreveu as atestam de modo claro e confesso. É nas “Introduções” às obras publicadas em 1971, 1974 e 1985 que esta sorte de preocupações se expressa de modo direto e com certa contundência. A figura do “aluno” é aí invocada e “reformulação” e “renovação” são palavras de ordem. Na obra de 1985, todavia, estas preocupações se manifestam sob a forma de advertência àqueles que sobrelevam a teoria em detrimento da consideração das próprias estruturas da Língua Portuguesa. Eis as palavras do lingüista em referência a este problema, que se detecta não só nos Cursos de Letras do Ceará, mas do Brasil inteiro:

A fonologia e a gramática devem ser reformuladas cientificamente para evitar-se o constrangimento do professor na sala de aula, perante alunos que pelo menos inicialmente esperam aprender a nossa língua e confiam piamente nas suas palavras. É preciso ensinar a estrutura do português e não teorias abstratas que, alheias à nossa estrutura, não medram nem frutificam.⁷

Professor sempre foi e, como professor e lingüista, procurou desvendar o que, em obras de antecessores, aparece envolto em mistérios e sem solução. Desmitificou muitas das chamadas “dificuldades da Língua Portuguesa”. Trazia para as suas aulas os resultados de suas pesquisas e, com entusiasmo, sabia reviver em classe a alegria e o prazer das descobertas. E os representava tão bem que, com extrema facilidade, conseguia prender a atenção de seus alunos, muitos dos quais, atraídos pela força da hipnose daquela reflexão lingüística ali tão bem representada, aderiram, acadêmicos ainda, à Lingüística, manancial indispensável à formação do professor.

O professor J. R. Macambira não tinha, como é sabido, a eloquência dos grandes expositores. Não era um homem de força dialética, desses que sabem sustentar uma discussão com frases intermináveis e persuasivas, logicamente concatenadas, frases persuasivas porque despistam e cansam

a atenção do interlocutor, fazendo-o perder-se no emaranhado e nas armadilhas do raciocínio arduo. Nas reuniões do Departamento, mantinha-se, geralmente, calado, limitando-se simplesmente a ouvir, dando, não raro, a impressão de não escutar e estar mergulhado em seu próprio pensamento. A sua postura era a de um sábio e sábio realmente o era.

Dominava várias línguas e quando a seus sucessores deixou aberto o caminho do campo da Linguística, de que se afastou discretamente e com total desprendimento, passou a dedicar-se ao estudo e ensino do Sânscrito, do qual deixou pronta e já no prelo uma gramática. Até a aposentadoria, dedicou-se de corpo e alma a esta atividade de extensão, acompanhando, a distância, quem o sabe, a atividade de seus sucessores e os progressos feitos pela Linguística na Universidade Federal do Ceará.

Mestre de todos os da nossa geração e mestre poderia ter sido de muitos de seus colegas dos anos-60. Por isso mesmo, mestre de todos nós. Humilde na postura acadêmica e sem a arrogância dos que nada sabem. Mestre pela grande lição de como deve ser um professor, de como devemos fazer ciência, do que devemos fazer *da e na* sala de aula, que, para ele, era o laboratório vivo em que os alunos, jamais tidos e havidos, como cobaias, aprendiam a ler a realidade linguística circundante e tinham oportunidade de receber informações de primeira mão, de apreciar a criatividade do linguista e ter o privilégio do contato com o professor-pesquisador.

Preparava com muita antecedência as suas aulas. Ao iniciar-se o semestre, apresentava-se ele com os conteúdos programáticos desenvolvidos sob a forma mimeografada, objetivando, com isso, testar em classe a sua leitura e interpretação das estruturas da Língua Portuguesa. Os alunos tinham, então, o privilégio da primeira divulgação de lições linguísticas, que só depois, devidamente apuradas, convertiam-se em livros. Assim foram elaborados *A estrutura morfo-sintática do português* (1970), *A estrutura da oração reduzida* (1971), *Português estrutural* (1974), *Estrutura musical do verso e da prosa* (1983), *Fonologia do português* (1985) e *Estrutura do vernáculo* (1986), todas, obras de muito valor, em que fartos exemplos ilustrativos predominam sobre os aspectos teóricos, estes, em geral, limitados a breves definições de tipos estruturais, categorias e conceitos linguísticos. *A estrutura do polifônio* (1975) é a tese com a qual obteve o título de Livre-docente de Linguística.

A leitura destas obras, mas, sobretudo, a da Tese de Livre-docência revelará que J. R. Macambira foi, por excelência, um criador de palavras ou, digamos, de *neologias*, em que se salientam as *mnemonias*, algumas coincidentes com palavras da língua (v. g.: *lázarus*, *mnemonia* que denota 'os nomes terminados em l-z-r-s')⁸ De neologias são pródigas as suas obras, mas o trabalho que mais se sobressai, neste particular, é aquele com o qual o autor obteve a Livre-docência. Aí pontificam e algumas são verdadeiramente curiosas e engraçadas (v. g.: *hiaiáfônio* e *credemóia*).⁹ Estas, todavia, e ainda *tricrefônio* e *hiaiiaifônio*, *mnemonias* altamente hilariantes, não são fruto de uma "inocência ingênua" ou de uma "ingenuidade inocente", por que da hilaridade dessas formações tinha consciência o autor:

O termos *tricrefônio* está por *crecrefônio* que, tal como *hiaiiaifônio*, se presta muito a provocar hilaridade.¹⁰

Daí se conclui que o autor soube tirar proveito pedagógico da "força hilariante" dessas *mnemonias* e que, portanto, todas as neologias, por mais extravagantes que possam parecer, revestem-se de intencionalidade pedagógica. Neste sentido, podemos aqui testemunhar que o nosso mestre foi um professor que gostava de brincar com os alunos, para estabelecer a "empatia" e amenizar a aridez de certos temas linguísticos.

Outras neologias ele procurou justificar em face do que, na NGB, pareceu-lhe descabido. Daí, por exemplo, a denominação de *polifônio*, termo destinado a compreender todos os tipos de "encontros vocálicos". Nós, seus alunos e leitores, sabemos de tudo isso, mas como poderão ter reagido, nos quatro cantos do País, os leitores não-alunos? Qualquer incompreensão ou reação negativa em face das neologias e, principalmente, das *mnemonias* hilariantes é perfeitamente admissível. Mas preferimos considerar esta questão em plano mais geral.

Justificadas, mas nem sempre justificáveis, porque um dos grandes problemas da Linguística moderna reside, precisamente, nas neologias individuais, excessivas e desnecessárias, que só concorrem para o inchamento da já tão inflacionada nomenclatura linguística. Alguns têm-se deixado dominar por essa espécie de " vaidade neológica", que, não raro, acoberta e/ou disfarça a fragilidade teórica e/ou descritiva. Mais grave do que a vaidade da neologia individual só mesmo a da ortografia individual. Já imaginaram se cada um de nós resolvesse adotar um sistema ortográfico particular? Pois bem, as conseqüências de neologias particulares seriam tão caoticizantes quanto as provocadas por ortografias particulares.

Há, consabidamente, os neologismos necessários — necessários e inevitáveis não apenas no plano do "fazer literário", mas também no do "fazer linguístico", pois que a criatividade é um requisito comum à Literatura e à Ciência —, mas o bom-senso deve prevalecer em todas as manifestações humanas, culturais e científicas. O conjunto da produção linguística de J. R. Macambira tem inquestionável valor e a demonstração maior da importância de sua contribuição descritiva está não apenas na reedição de algumas de suas obras em âmbito nacional, mas também na inclusão de algumas em bibliografias de inúmeros trabalhos, entre estes "Dissertações" de Mestrado e "Teses" de Doutorado. Se há, porém, o que criticar no conjunto de sua produção linguística, temos a impressão de que o "a criticar" reside, precisamente, nesse plano da neologia individual, que nos parece, contudo, decorrente de uma incontida ânsia de originalidade, esta, por sua vez, conseqüência de sua elogiável preocupação pedagógica.

A estrutura da oração reduzida, *Português estrutural* e *Fonologia do português* são, para nós, não só as obras mais equilibradas do ponto de vista neológico, mas também os seus melhores trabalhos no que respeita a uma efetiva contribuição referencial em perspectiva descritiva. Obras

marcadas pela benéfica influência do Estruturalismo lingüístico norte-americano, do Estruturalismo de Praga e da contribuição descritiva de J. Mattoso Câmara Jr., mas obras que superam o que há de eminentemente teórico nessa tripla influência, porque esclarecem e desenvolvem, de modo didático, certos aspectos teóricos dessas vertentes uniestruturalistas. *Português estrutural e Fonologia do português*, por exemplo, desenvolvem, esclarecem e complementam o que a *Estrutura da língua portuguesa*, de J. Mattoso Câmara Jr., compreende, levadas aí em conta, obviamente, as diferenças dialetais e metodológicas em que se esteiam as contribuições de ambos.

Longe de nós, portanto, afirmar que o Estruturalismo lingüístico posto em prática por J. R. Macambira seja aquele, cujas diretrizes fundamentais se encontram na obra de J. Mattoso Câmara Jr., porque este, em verdade, não chegou a instaurar nenhum Estruturalismo, senão a compor uma modalidade estruturalista eclética, em que se mesclam conceitos, princípios e procedimentos de várias correntes estruturalistas, entre as quais se salientam a norte-americana — principalmente a derivada da orientação bloomfieldiana — a do Círculo Lingüístico de Praga, a da Glossemática e a do Funcionalismo martinetiano. Cabe-lhe, no entanto, não só o mérito de haver empreendido uma descrição segura das estruturas fonológicas e morfológicas da Língua Portuguesa, mas ainda o de haver salientado os aspectos descritivos problemáticos relativos às duas articulações e, concomitantemente, encaminhado soluções alternativas.

Ao empreender, com base na realidade dialetal cearense, a descrição das estruturas fonológicas e morfológicas da Língua Portuguesa, o lingüista cearense também praticou uma modalidade estruturalista eclética que não chega a coincidir com a composta por J. Mattoso Câmara Jr. Em sua contribuição, o mestre cearense ora endossa, ora refuta pontos de vista que se compreendem, principalmente, nas três obras seguintes: *Dicionário de filologia e gramática*, *Problemas de lingüística descritiva* e *Estrutura da língua portuguesa*. Não há dúvida de que estas obras tiveram certa influência nas elaborações descritivas de J. R. Macambira, mas, se compararmos o que compreendem com o que se acha exposto no Capítulo 2 de *Fonologia do português* e no Capítulo 1 de *Português estrutural*, chegaremos facilmente à conclusão de que o lingüista cearense soube manter a devida distância das mencionadas obras de referência e até imprimir certa originalidade à sua contribuição, que da precedente diverge, descritiva e metodologicamente, em alguns pontos.

Para não nos alongarmos muito, deixemos de lado as do plano descritivo com o objetivo mais produtor que é o de focalizar um aspecto metodológico em que J. R. Macambira, já em sua obra de estréia, diverge do que se encontra nas obras de referência. Vejamos, então, esta divergência.

J. Mattoso Câmara Jr. advoga três critérios para a classificação do que denomina *vocabulo formal*: o “semântico”, o “formal” e o “funcional”. Os dois primeiros se

associariam intimamente, daí resultando um “critério compósito”, chamado *morfo-semântico*, segundo o qual os vocábulos formais se classificariam como *nomes*, *verbos* ou *pronomes*. O critério “funcional” (sintático) permitiria a subclassificação de *nomes* e *pronomes* como *substantivos* e *adjetivos*.¹¹ O lingüista cearense, contrariando a ordem criterial proposta por J. Mattoso Câmara Jr., ordem segundo a qual o “semântico” vem em primeiro lugar ou consorciado ao “formal”, coloca, em primeiro plano, o “mórfico” e, em segundo, o “sintático”, valendo-se do “semântico”, para deste ressaltar a fragilidade. Esta divergência metodológica em face da preconizada pelo “Pai da Lingüística no Brasil” fundamenta-se em ponto de vista de Bloch e Trager, patenteado neste lanço-síntese, que é parte do citado pelo mestre cearense em sua obra primogênita:

Ao fazer nossas classificações, não se deve (sic) apelar nem para o sentido, nem para a lógica abstrata, nem para a filosofia. As classes de palavras devem ser definidas ou pela flexão ou então, na falta de flexão, pelas funções sintáticas, nunca pelo sentido real ou imaginado que possam traduzir.¹²

Esta foi, portanto, a orientação metodológica seguida por J. R. Macambira na consideração das estruturas morfo-sintáticas da Língua Portuguesa, havendo-se mantido fiel a ela em quase toda a parte de sua produção científica que focaliza estas estruturas e só não a seguindo, literalmente, na focalização de tipos estruturais específicos, cujas características distintivas não se contêm nos âmbitos mórficos e sintático. Isto é o que se verifica, por exemplo, no tratamento por ele concedido à *oração interrogativa*, cuja descrição requer, de fato, a adoção de um critério adicional, o “fonológico”.¹³ Neste particular, havemos de convir em que uma descrição da oração interrogativa em Língua Portuguesa que não leve em conta a *entoação ascendente*, que normalmente acompanha a prolação de um enunciado interrogativo, não captará um dos traços importantes que distinguem este tipo estrutural, opondo-o ao enunciado afirmativo, entre cujos traços distintivos também se encontra um de natureza supra-segmental, a *entoação descendente*. Nesta e em outras instâncias da sintaxe da Língua Portuguesa, J. Mattoso Câmara Jr. não deixou nenhuma contribuição em que o lingüista cearense pudesse espelhar-se.

É claro que a obra de J. Mattoso Câmara Jr. exerceu poderosa influência na produção científica do lingüista cearense, mas esta influência se circunscreve ao domínio da descrição das estruturas fonológicas e morfológicas, guardadas as diferenças e devidas proporções. O maior mérito de J. R. Macambira, no entanto, reside na extraordinária contribuição por ele prestada para o estudo das estruturas sintáticas da Língua Portuguesa, campo em que preenche a lacuna deixada por J. Mattoso Câmara Jr. Neste particular, *A estrutura morfo-sintática do português*, *A estrutura da oração reduzida*, *Português estrutural* e *Estrutura do vernáculo* são provas autênticas e irrefutáveis, e compendiam o que é, na verdade, uma contribuição descritiva sem precedente e de inegável valor.

NOTAS

- ¹Assim se denominou um Projeto de Extensão, patrocinado pelo Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e coordenado pelo Prof. Paulo Mosânio Teixeira Duarte.
- ²Neste particular, cumpre-nos também aqui ressaltar o nome de José Alves Fernandes, outro grande erudito do Ceará, Professor de Filologia Românica e Titular de Língua e Literatura Latinas, versado em muitas línguas românicas e recentemente aposentado de suas funções na Universidade Federal do Ceará, a quem esta, em face do vasto cabedal de conhecimentos de seu mestre, deveria outorgar o título de "notório saber". Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da qual foi Presidente durante o biênio 1990-1992, e da Equipe Científica do Projeto "Atlas Lingüístico do Estado do Ceará", o referido professor tem-se dedicado, ultimamente, ao estudo da "datação" dos vocábulos da Língua Portuguesa, delicado e difícil aspecto da Lexicografia que requer dedicação e atenção redobradas. Os resultados de suas pesquisas na área vêm sendo publicados, parceladamente, na *Revista de Letras* sob o título de "Cronologia vocabular da Língua Portuguesa".
- ³O exemplo e todo este tipo de trabalho em prol da renovação do ensino da Língua Portuguesa no Ceará se devem a Antônio Pessoa Pereira, Luiz Tavares Júnior e a Plínio Santiago de Sá Leitão.
- ⁴No que diz respeito à obra de Dâmaso Alonso, esclarecemos que nos referimos à edição brasileira, traduzida do espanhol por Darcy Damasceno e publicada no Rio, em 1960, sob a chancela editorial do Instituto Nacional do Livro. Já a de J. Mattoso Câmara Jr., publicada no Rio em primeira edição, em 1953, pela Simões, é, modificações à parte, a tese com a qual o autor obtivera, no ano anterior, o título de Livre-docente em Língua Portuguesa.
- ⁵FARIAS, Otávio. À guisa de apresentação. In: MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura da oração reduzida*; aplicação do Estruturalismo lingüístico. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1971, p. 7.
As palavras do mestre Otávio Farias — curtas, mas substanciosas — não ocupam mais que o espaço de uma página e meia na obra aqui citada. Não obstante curtas, são, no entanto, longas demais para serem reproduzidas na íntegra.
- "Paciente e meticoloso", como bem o disse Otávio Farias, o mestre J. R. Macambira sempre foi, mas com o tempo o "espírito polêmico" foi arrefecendo, para dar lugar a duas raras e extraordinárias qualidades humanas: a "simplicidade" e a "fidalguia do trato", traços de sua personalidade, aliás, oportunamente destacados por Ribeiro Ramos em artigo publicado em importante periódico cearense, editado por Geraldo Fontenele.
- Cf. *Notícias Culturais*, Fortaleza, Ano III, nº 22, fev. 1992, p. 4.
- ⁶MACAMBIRA, José Rebouças, op. cit. nota anterior, p. 91-2. O compromisso do lingüista com o futuro da ciência e, mais especificamente, com a renovação dos estudos gramaticais está em sua adesão ao Estruturalismo lingüístico na forma adiante salientada neste artigo.
- ⁷MACAMBIRA, José Rebouças. *Fonologia do português*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985. O lanço acima transcrito figura na "Introdução", não sendo feita referência, porém, à página em que se localiza, porque as dezesseis páginas iniciais da primeira edição, que foi a por nós consultada para a elaboração deste trabalho, não são numeradas.
- ⁸Cf. MACAMBIRA, José Rebouças. *Português Estrutural*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1974, p. 49; na 2ª ed. rev. e atual. desta obra (São Paulo: Pioneira, 1978) p. 27. Na 1ª ed., o autor usara a mnemonia *lisura* em referência aos "nomes terminados por -a opositivo, cujo masculino finaliza por *l, s, r*" (cf. Seção 1.3.2.2 - Temáticos Especiais: *l-s-r*, p. 40), mas esta mnemonia, em virtude da supressão de "1.3.2.2-", já não figura na 2ª ed.
- ⁹As neologias *hiaiáfônio* e *credemóia* são "formações *portmanteau*", como o próprio autor esclarece em sua Tese de Livre-docência de Lingüística. Para a compreensão destas formações neológicas, v. MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura do polifônio*. Fortaleza (s. ed.), edição mimeografada, p. 3.
- ¹⁰ Cf. op. cit. nota anterior, p. 116.
- ¹¹ Sobre o assunto, v. CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 67-9. A inclinação do lingüista pela concessão de prioridade ao "critério compósito" é patente nestas suas palavras: "Em referência ao português, esse critério compósito, que podemos chamar morfo-semântico, parece dever ser o fundamento primário para a classificação." Cf. p. 68. Desse modo, reedita postura anteriormente assumida, que se acha expressa em seu *Dicionário de filologia e gramática*, que é, no particular, a obra que J. R. Macambira toma como base, em seu trabalho de estréia, para criticar J. Mattoso Câmara Jr. no que se refere à inclusão do "critério semântico entre os elementos classificatórios" e assumir, como veremos em seguida, atitude metodológica divergente. Cf. MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970, p. 15.
- ¹² O trecho em que Bloch e Trager fazem esta advertência foi extraído de *Outline of linguistic analysis*. Baltimore, 1942, p. 68, conforme MACAMBIRA, José Rebouças, op. cit. nota anterior, p. 14.

¹³ Cf. MACAMBIRA, José Rebouças, op. cit. acima nota 8, p. 277ss., mas, em especial as p. 286-8, 303, 320 e 335-6. Com relação à oração dita *interrogativa direta total*, o critério "mórfico" perde a primordialidade ou o caráter de "excelência", revelado, por exemplo, na classificação das palavras, porque nenhum traço morfológico existe para assinalar ou identificar as manifestações deste tipo estrutural. Embora admitamos que este tipo estrutural não seja sempre e necessariamente marcado por "elevação da voz", somos, no entanto, da opinião de que, se a *oração interrogativa direta total* tem traço distintivo, este só pode ser de natureza supra-segmental. Daí a pertinência do critério "fonológico" na consideração do que se pode identificar e classificar como *oração interrogativa direta total*. Mas, neste particular, o nosso linguísta se houve muito bem, ao afirmar, primeiramente, que:

Não há morfema vocabular que sirva para marcar necessariamente a oração interrogativa direta total, ao contrário do que se dá com as outras orações interrogativas, sempre marcadas por um termo específico.

Acaso, porventura, será que e outros congêneres não passam, como demonstraremos, de formas expansivas que acompanham redundantemente a interrogativa direta total.

Isto não quer dizer que toda interrogativa direta total deste curioso planeta seja marcada necessariamente pela elevação de voz ao fim da oração.

e depois:

A entoação é o traço pertinente da interrogativa direta total: nunca pode faltar.

Cf. p. 284 e 287, respectivamente.